

Angelo Agostini - uma pesquisa



Prof. Dr. Antonio Luiz
Cagnin
ECA-USP

RESUMO : Pioneiro das narrativas gráficas sequenciais brasileiras, o ítalo-brasileiro Angelo Agostini foi também chargista e jornalista, cujas opiniões foram importantes na segunda metade do século XIX. Esta pesquisa objetiva compreender a trajetória desse artista que abriu as portas para os quadrinhos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em quadrinhos; Humor gráfico; Angelo Agostini.

ABSTRACT: Pioneer of Brazilian sequential graphic narratives, the Italian-Brazilian Angelo Agostini was also a cartoonist and journalist, whose opinions were important in the second half of the nineteenth century. This research aims to understand the trajectory of this artist who opened the doors for comics in Brazil.

KEY-WORDS: Comics; Graphic humor; Angelo Agostini.

Introdução

O interesse por Angelo Agostini se deu em 1986, quando, na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, tivemos em mãos a publicação original da Vida Fluminense e da Revista Ilustrada e nelas as Aventuras do Zé Caipora, de Agostini, iniciada com as Aventuras de Nhô Quim em 1869.

O encontro com estas obras nos marcou. Foram alcançados os objetivos que nos levara ao Rio: estava ali Agostini, em letra e arte e muito antes, a contradizer e negar, em nosso lugar, que as histórias em quadrinhos tenham sido

inventadas pelos americanos em 1895, quando foi publicado o Yellow Kid.. Os fãs dos gibis podem mesmo se vangloriar e dizer, de boca cheia, que a primeira história em quadrinhos do Brasil, e uma das primeiras do mundo, foi feita por Angelo Agostini.

Na verdade, o Yellow Kid, esse Moleque-que-não-era-amarelo, também não era quadrinhos. De início era um simples cartum de página inteira, publicada aos domingos em belíssimas cores no New York World . Só depois que a comprida camisola que vestia ganhou o amarelo é que o Yellow passou a ser strip em qua-

drinhos, num estrondoso sucesso das tiras, engendrado pelo espírito pragmático americano, que atraiu leitores, aumentou a venda dos jornais e levou os comics a ganhar o mundo.

Mas, as Aventuras, planejadas pelo tino de Agostini, vieram bem antes, em 1869, 26 anos antes do Yellow Kid. É que o Angelo era um contador nato de histórias em imagens, transformava tudo, notícias, caricaturas, até cartas e, naturalmente, histórias... em quadrinhos. Já naquela época, intuiu o poder de marketing dos quadrinhos e criou o Nhô Quim e o Zé Caipora. Mesmo sem cores, é de encantar a beleza dos desenhos, máxime daquele capítulo 14, quando o Zé é perseguido pela onça, citado até por Monteiro Lobato, e do capítulo 22, quando o Zé salva a bela Inaiá de ser tragada pelas águas da cachoeira; de dar irveja estas sequências até ao Burne Hogarth, artista do Tarzan dos quadrinhos; de admirar o roteiro da história, o suceder das imagens, num verdadeiro story board, pronto para ser animado; de surpreender as inovações técnicas de um iniciante na arte, só empregadas, hoje, em algumas histórias. A narração flui facilmente compreensível, independente de balões e das legendas sob as vinhetas.

Deste primeiro contato com Agostini no Rio, resultou, de imediato, a intenção de realizar uma biografia de Agostini. Na verdade, mera pretensão, considerado o pouco ou nenhum dote e experiência para empreitada como essa.

O projeto

A pesquisa foi iniciada com um quase nada da vida de Angelo

Agostini, além do surrado press release repetido pela imprensa, que, aliás, não é outro senão aquele mesmo necrológio, publicado em todos os jornais do Rio de Janeiro no dia seguinte ao falecimento de Angelo em 23 de janeiro de 1910:

Agostini nasceu em Vercelli, na Itália, em 1843. O pai, Antonio Agostini, faleceu quando ele tinha apenas 5 anos. Foi levado a Paris pela mãe, Raquel Agostini, onde viveu em companhia da avó e frequentou academias de arte. No Brasil publicou os jornais ilustrados e de caricaturas, Diabo Coxo e Cabrião. Ao voltar para o Rio, onde viveu a maior parte de sua existência, trabalhou em diversas revistas de caricaturas antes de fundar sua própria Revista Ilustrada, a de maior tiragem no país, na qual publicou as Aventuras do Zé Caipora, e, depois, a revista Don Quixote, em que alcançou o ápice de sua arte.

Angelo Agostini foi a personalidade mais conhecida e benquista de sua época, admirado por sua arte, pela coragem de denunciar a corrupção de políticos e do governo, pelo ardor nas campanhas vitoriosas da Abolição e da República, pelas suas obras enfim. Por outro lado, foi o mais odiado pelas vítimas de suas cáusticas e corrosivas caricaturas.

Depois da morte, porém, foi olvidado. Ecoam, apenas, vozes, raras e distantes, dos companheiros de lutas, heroicas e árduas, ou dos amigos que nele admiravam o homem e o artista.



Imagem de Angelo Agostini.

Anos se passaram sem que o mencionassem.

Em 1911, Frei Sinzig lhe cedeu um pequeno espaço em A Caricatura na Imprensa Brasileira; em 1932; vinte e dois anos depois, Monteiro Lobato, com seu delicioso estilo, o elegeu criador da caricatura no Brasil num dos artigos do Idéias de Jeca Tatu; em 1966, Néilson Werneck Sodr e, na História da Imprensa no Brasil, destaca, em poucas linhas, seu trabalho de repórter do lápis na imprensa ilustrada; em 1963, depois de 53 anos, Herman Lima destacou seu trabalho em 23 páginas da sua alentada e panorâmica História da Caricatura no Brasil, além, a cada passo, derramar-se em elogios à sua arte. Da vida de Agostini, porém, traz somente uma única e equivocada cita o biográfica:

Esse piemontês nascido em Farcelli a 8 de abril de 1843.

Farcelli não existe, nem no Piemonte, nem na Itália toda. Vercelli, próxima de Milão, é a cidade. Onde Agostini teria nascido. Gralha imperdoável, transcrita *ipsis litteris*, sem o menor reparo, do Suplemento Literário do jornal A Manhã de 12jun1943, pelo centenário do nascimento de Agostini.

Só na década de 80, Agostini ganhou o interesse das universidades e a simpatia dos fãs de quadrinhos graças às pesquisa de jovens de São Paulo e do Rio. A exalta o foi grande, muitos chegaram a considerar Agostini o primeiro quadrinhista "do mundo" e de todos os tempos.

Este esquecimento impulsionou-nos também a ideia de

recuperar a imagem de Agostini numa biografia que lhe traçasse perfil, o modo de ser, as atividades e paixões. Foi, então, que esboçamos o projeto de pesquisa.

Córpus do trabalho

Aproveitamos do pouco que tínhamos em mãos e do que era possível consultar, na época, para realizar a pesquisa:

Em São Paulo

- História da Caricatura no Brasil, de Herman Lima, em 4 volumes.

- Diabo Coxo (1864-65), o primeiro jornal ilustrado de São Paulo e de Agostini, com caricaturas de Agostini e texto de Luís Gama, cópia em microfilme negativo, existente na Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo.

- Cabrião (1866-67), o segundo jornal ilustrado de

Agostini e Américo de Campos, 1ª edição fac-similar, com apresentação e comentários do Dr. Délio Freire dos Santos, publicada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (IMESP/DAESP), em 1982. A 2ª edição em 2003, pela UNESP.

- Revista Ilustrada (1876-1898), coleção do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP.

- Don Quixote (1895-1898), Coleção da Profa. Dra. Ana Maria Camargo;

- Jornal Correio Paulistano, de São Paulo, nos números de 1854-1867;

- Jornal Diário de São Paulo, pesquisa nos números de 1865-1867;

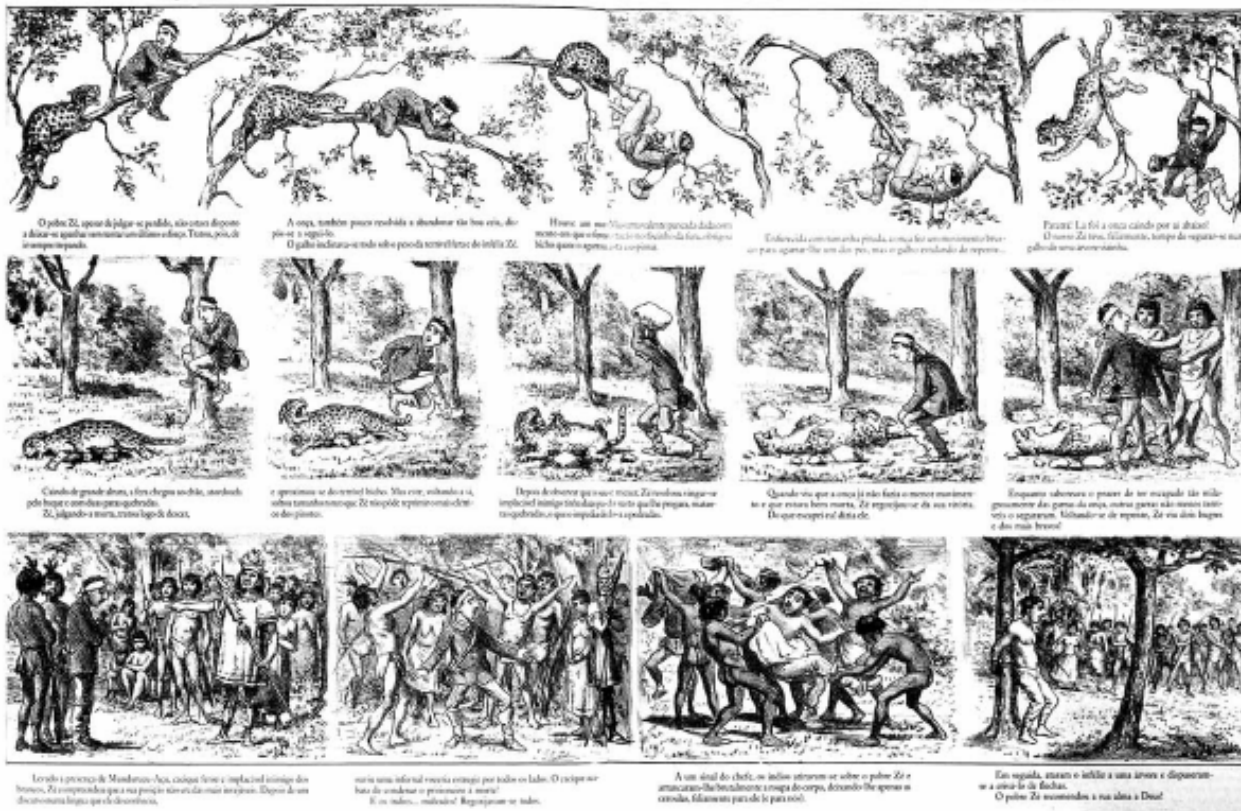
- Jornal O Futuro, de São Paulo, pesquisa nos números de 1854.

- Entrevistas com Dr. Delio Freire, do IHGSP, organi-

Página dupla de As aventuras do Zé Caipora

AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA
Capítulo XV

Onde o pobre Zé não dá 10 réis pela sua pele



zador do fac-símile do Cabrião. (1966-67), que forneceu uma pista valiosa para encontrar a coleção original do jornal Diabo Coxo.

No Rio

- O Arlequim, revista adquirida, em 1867, por Pedro Marques de Almeida, padrao de Angelo, logo depois de chegar de São Paulo, safando-se das ameaças das vítimas de suas caricaturas.

- a revista Vida Fluminense, onde, em 1869, iniciou as Aventuras de Nhô Quim, ou uma Viagem à Corte.

- Don Quixote, de 1894 a 1903, período em que Agostini atingiu o ápice de sua arte e redesenhou os 24 capítulos do Zé Caipora que publicara na Revista Ilustrada, acrescentando-lhe mais 15 capítulos.

- Revista O Malho, todos os números de 1903-1910 onde voltou a publicar o Zé Caipora, interrompido infelizmente no número 85

- as revistas e jornais que contaram com sua colaboração (O Mosquito, Mequetrefe, Gazeta de Notícias, O Malho, Leitura para Todos)

- Jornal do Comercio, do Rio de Janeiro, em microfilmes¹, todos os números de 1850 a 1910. sobretudo as seções Movimento do Porto e Gazetilha.

- Jornal O Paiz, todos os números de 1854 a 1910.

- Revista infantil O Tico-Tico, todos os números de 1905 a 1906, de que fez o cabeçalho e publicou 4 histórias em quadrinhos.

Em Brasília

- Entrevista com Da. Mariana Villalba Alvim, net a de Angelo, e m

1994. (informações sobre Agostini e os filhos Laura, Eduardo e Eugênio que, em 1894, trouxeram, de Paris, Agostini e a pequena Angelina com sua babá alemã).

Novos documentos

Em 2002. As Aventuras de Nhô Quim e do Zé Caipora, 1869-1906, edição fac-similar, publicadas pelo Conselho Editorial do Senado Federal com pesquisa, organização e introdução de Athos Eichler Cardoso.

Em 2003. Jornal do Comercio, coleção completa em microfilme da Biblioteca da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP.

Em 2005, Diabo Coxo (1865-66), fac-símile publicado pela EDUSP

Os bons ventos

Providenciais foram as bolsas de pós-doutorado em Paris, concedidas, em 1987, pelo CNPq e, em 2002, pela FAPESP, para frequentar os cursos de Semiologia na École des Hautes Études en Science de Communication, da Sorbonne, ministrado pelo professor Christian Metz, e, no Centre Sémiotique de Paris, por Algirdas Julius Greimas.

A pesquisa, realizada para passar com os cursos, nas horas e dias livres e nas férias de fim de curso, desenvolveu-se nos diversos acervos da Bibliothèque Nationale François Mitterrand, na de l'Opera, na de l'Arsenal, e outras, onde se acham todos os periódicos ilustrados e de caricaturas de França publicados no séc. 19, desde La Caricature (1830), dos famosos ilustradores Philippon, seu criador, Daumier,

¹As pesquisas em jornais deram-se todas em microfilmes, tanto no Arquivo do Estado de São Paulo, como na Biblioteca Nacional, no Rio, e abrangem os períodos em que Agostini e sua mãe Raquel estiveram nestas cidades.

Gavami, Granville, até 1900, de Doré, Caran D'Ache, Cham (que publicou os quadrinhos de Rodolphe Töpffer), como também do nosso Faria, o primeiro no mundo a fazer cartazes de filme, em 1905,

como artista exclusivo, contratado pela incipiente Indústria cinematográfica Pathé Cinéma.

Possibilitou-nos, ainda, as buscas no Musée National de la Marine, nos Archives Nationales e nas cidades portuárias de Havre, Bordéus e Marselha, a fim de encontrar o nome de Agostini entre os passageiros e as datas de suas viagens entre França e Brasil. No Archive de Paris obtivemos cópias do atestado de nascimento de Angelo Agostini, filho de Angelo e os atestado de óbito da esposa, Abigail de Andrade, e do filho recém nascido, além de muitos documentos e ilustrações da grande Exposition Universale de Paris, em 1889, quando também foi inaugurada a Torre Eiffel. Abigail de Andrade e outra pintora brasileira participaram da Exposição, apresentando seus quadros no Pavillon Brésilien.

Locais das pesquisas

Em São Paulo

- Arquivo do Estado
- Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP
- Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Coleção completa em microfilmes do Jornal do Comércio)
- Biblioteca da Faculdade de História

- Biblioteca Mario de Andrade (jornal Diabo Coxo em microfilme, em fac-símile em 2005 quando foi publicado).

No Rio

Biblioteca Nacional (Revistas ilustradas e de caricaturas do séc.19).

- Jornal do Commercio, de 1850 a 1910

- Museu Nacional de Belas Artes (desenhos originais e pinturas de Agostini)..

- Arquivo da Arquidiocese do Rio de Janeiro (Banhos do casamento de Agostini)

- Biblioteca da Casa de Rui Barbosa (Revista Ilustrada)

- Casa de Cultura Laura Alvim (Sala Angelo Agostini)

- Contatos telefônicos com descendentes que moram no Rio,

- Visita ao Cemitério S. João Batista, para localizar e fotografar o jazigo de Angelo Agostini.

Em Paris

- Bibliothèque Nationale (a antiga e a nova François Mitterrand)

- Archives de Paris,

- Archives Nationales,

- Musée Nationale de la Marine, :

- Service Central des Cimetières de Paris (Registros de inumação),

- Cimetière du Père-Lachaise,

- Cimetière du 12ème arrondissement,

- Cimetière de Montmartre,

- Cimetière de Saint Vincent (em Montmartre, onde está o túmulo de Faria, encimado por belíssima estátua, de Carpentier, em mármore de Carrara

Em Bordéus.

Arquivos do porto.

Em Marselha

Arquivos do porto.

Em Havre

Arquivos do porto.

Em Roma

- Biblioteca Nazionale Centrale di Roma

- Accademia Nazionale di Santa Cecilia, Biblioteca (Registros de músicos e cantoras).

Em Milão

- Biblioteca Comunale (Municipal) di Milano (Jornal La Moda),
- Archivio Comunale di Milano.
- La Scala, biblioteca do Teatro.

Em Vercelli

- Biblioteca. Arquivos da Prefeitura (Commune).
- Archivio dell'Archidiocese (Registros de nascimento, matrimônio e morte).
- Paróquias (idem).

Em Pesaro

- Biblioteca del Teatro Rossini (ex Teatro Nuovo),
- Archivio dell' Archidiocese (como acima)
- Paróquias (idem).

Em Fermo

- Archivio dell'Archidiocese (como acima)
- Paróquias (idem)

Em Madri

- Biblioteca Nacional,
- Hemeroteca Municipal de Madrid.

Em Lisboa

- Torre do Tombo,

- Hemeroteca Municipal de Lisboa,

- Biblioteca Nacional (acervo do Teatro São Carlos).

Em busca de dados

O grosso da pesquisa se concentrou nestes documentos:

- no Movimento Porto, preciosa secção do Jornal do Comércio que registrava diariamente a hora da entrada e da saída dos navios no porto do Rio de Janeiro, além do porto de destino dos que partiam, o de origem dos que chegavam; o nome, o tipo e a tonelagem das embarcações; não raro a duração em dias da viagem desde o último porto até ao Rio; as mercadorias destinadas às empresas locais, se navio cargueiro; e, o que mais interessava, o nome e a nacionalidade dos viajantes, se de passageiros. Essa busca, objeto e objetivo central, era também, a mais difícil de realizar, exigia muita pertinácia, paciência beneditina, e uma atenção redobrada a fim de não perder, nas letrinhas miúdas do microfilme, os nomes procurados de Angelo, Raquel, Antonio Pedro, de Ersília, de Abigail e de outras personagens que desempenharam papel significativo na vida de Agostini.

- nos Banhos, como eram então chamados os proclamas do casamento e o de Angelo Agostini com Maria José Palha. Encontram-se no Arquivo da Arquidiocese do Rio de Janeiro. São uma fonte rica de informações sobre a vida de Angelo e, ao mesmo tempo, dos maiores questionamentos, ainda não bem equacionados ou decifrados.

Dificuldades e obstáculos

As pesquisas, como todas as atividades, estão sujeitas, durante o processo, a imprevistos e obstáculos a serem vencidos, antes de alcançar o objetivo proposto. Seguem as dificuldades e problemas a resolver vividos nessa busca de dados e informações sobre Angelo Agostini:

Os trabalhos iniciaram-se em 1986, não em tempo integral, naturalmente, como desejaríamos, mas necessariamente em dias livres do trabalho rotineiro e de outros compromissos assumidos.

Em São Paulo, o acesso às bibliotecas e ao Arquivo do Estado, é difícil e penoso, contribuiu para espaçar, em largos períodos, uma pesquisa de outra. O deslocamento da pacata cidadezinha histórica de Embu, na Região Metropolitana, onde residimos, até ao Centro de São Paulo, se faz em hora e meia, ou mais, em colossais e enervantes congestionamentos para vencer apenas 20 quilômetros e, depois, o trânsito (ou parânsito) caótico da Cidade..

As viagens ao Rio de Janeiro foram igualmente ou mais difíceis e problemáticas, mas imprescindíveis por ser a Cidade onde a Agostini passou a maior

parte da vida e, por isso, onde poderia encontrar a principal fonte de documentos, o grosso do material a ser pesquisado na Biblioteca Nacional, no Arquivo Nacional e cartórios, nos jornais e revistas da época.

Foi em vão, num país cronicamente sem memória como o nosso, a busca por documentos que necessariamente deveriam estar em algum arquivo ou biblioteca. Os inventários e atestados de óbito de Angelo e familiares, por exemplo, não existem, sumiram ou foram perdidos.

De lamentar, ainda, que a pesquisa tenha começado muito tarde. Os que compartilharam da amizade de Angelo há muito já se foram. Dos familiares ou descendentes, somente a neta, Da. Mariana Villalka Alvim, falecida em Brasília em 2003, com mais de 90 anos, forneceu alguns dados, escusando-se da avançada idade que não lhe permitia lembrar-se dos fatos da vida do avô, emocionando-se, no entanto, ao dizer que morreu com ela nos braços, quando carinhosamente a ninava; os descendentes, que residem no Rio, de nada sabem, alegam que foram criados por outra família (alusão, sem dúvida, as rugas familiares por Angelo ter residido na casa da filha Laura (esposa do Dr. Álvaro Alvim, famoso por ter introduzido o RX no Brasil), que o foi buscar em Paris, onde viveu o romance com sua aluna Abigail de Andrade; por seu turno, os descendentes de Maria Jose, esposa de Angelo, pouco se recordam do que lhes contaram.

Além do trabalho realizado em casa em São Paulo e no Rio, havia necessidade de cobrir os 23 anos que Angelo viveu na Europa,

na Itália onde nasceu e esteve até aos 9 anos, e, em Paris, onde passou 8 de sua infância e adolescência e se formou, e, mais tarde, onde também amargou 6 anos de doloroso exílio,

Diga-se ainda, de passagem, que a pesquisa foi realizada às próprias expensas, diante do pouco interesse dos possíveis mecenas e órgãos financiadores, públicos ou privados, por temas como este.

Assim é que retomo agora à pesquisa, depois de 8 anos ocupado com outros afazeres completamente diversos, a defesa do meio ambiente do Embu, cidade de mananciais, ameaçada de não mais fornecer os 60% da água com que a represa do Guarapiranga abastece mais de 3 milhões de moradores da Grande São Paulo.

As trapalhadas de Agostini

Os obstáculos foram muitos e de toda a sorte, sem falar dos inerentes a qualquer pesquisa, apontados acima. Os mais inquietantes e inexplicados, porém, foram os criados pelo próprio Angelo Agostini.

Os Banhos, p.ex., despertaram-nos expectativa enorme, quando os encontramos do Rio: Pensávamos, então, que os objetivos da pesquisa já tinham sido alcançados, os dados principais estariam ali. Só depois de nos inteirarmos do seu conteúdo, notamos que os banhos apresentam dupla face, se neles Agostini dá informações desconhecidas até então, sobre sua vida, por outro lado traz questionamentos ainda não equacionados por difíceis de decifrar.

O casamento de Angelo e Maria José foi celebrado na Igreja de N. S. da Candelária,¹ no domingo de 26 de junho de 1869, As testemunhas todas eram parentes e amigos de Angelo.

As declarações juramentadas das testemunhas, feitas mão sobre o Livro Sagrado, cingiram-se estritamente ao que disse Agostini, não acrescentaram senão alguns detalhes pessoais, o que nos faz supor que todos, parentes e amigos, foram adrede preparados por ele. Transcrevemos aqui, os de fls. 1 e 4, relevando alguns erros ou termos ilegíveis do manuscrito:

Fl. 1 Com o favor de Deus quer casar Angelo Agostini de 29 anos de idade filho legítimo de Antonio Agostini e de Clara Agostini, nascido e batizado na Freguezia de S^m Matheus dos Apostolos, no Arcebispado de Fermo na Itália, com Maria José Palha de idade de 19 anos, filha natural² de Joaquim José Pereira Palha, nascida e batizada na Freguesia de S^m Pedro da Cidade de Évora, e^m o reino de Portugal; ambos os contraentes moradores na Freguesia da Candellaria desta Corte, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1869.

Contraente declara que seu Pay é fallecido; e que o Bispado em que nasceu a contraente he de Évora em Portugal. Rio de Janeiro. Erat ut supra

Fl. 4 Aos cinco de junho de mil oitocentos e sessenta e nove, nesta

² Segundo documento encontrado, Maria José Palha era uma distintíssima senhora de aristocrática família portuguesa. Ntar que os banhos que precedem o do casamento, não registram a participação da noiva.

Corte do Rio de Janeiro e Camara Eclesiástica, sendo ahi, compareceu presente o contrahente Angelo Agostini, morador na Freguezia da Candelária, desta Corte, depoente a quem o Ilmo. Juís defere o juramento aos Santos Evangelhos, sob o cargo do [ilegível] disse: que é o próprio do nome que declarou filho legitimo de Antonio Augustim³ [sic] e de Dona Clara Augustim [sic], natural e baptisado na freguesia do Apostolo São Matheos na cidade de Fermo, nos Estados Pontifícios, de onde sahio para Pariz em companhia de huma sua tia afim de faser seos estudos e isto com a idade de nove anos, que em Pariz estava até a idade de dezessete annos em que se passou para esta Corte no estado de solteiro, livre e dezempedido, na galera Jeanne⁴ que aqui se demorou hum anno indo residir na cidade de São Paulo, de onde regressou para esta Corte há hum anno e meio que f i x o u definitivamente nesta Corte e sua residência e ainda solteiro; perguntado se tem [ileg.] disse que sim, pois aqui tem toda a sua família e meios de subsistência e em sua Pátria se consideraria [ileg.] estrangeiro; que só prometheo casamento a Maria José Palha, com a qual se casa de sua livre

vontade e com ella conheceu parentes, que não fez votos de castidade, e que tem 25⁵ [sic] annos.. Nada mais disse.

Somente Angelo cuidou de todos dos papéis, não se registra a participação da noiva, Maria José, talvez por restrição imposta pelos costumes da época ou pela religião. De Agostini, foi-lhe exigido providenciar ambos os atestados de batismo no prazo de 6 meses, sob pena de ter de pagar 20\$000 mil réis. Certamente pagou, pois, ainda que nada tenha sido mencionado nas folhas dos banhos, o casamento foi realizado no domingo de 26 de junho de 1869, dois meses apenas depois do pedido inicial em 23 de abril de 1869, registrado nas de fls.1 e 2 dos banhos. No mais, lhe seria impossível, na época, realizar a viagem de ida e volta até Évora em Portugal, onde Maria José nasceu, e Vercelli, na Itália.

Obstáculo e dificuldades

Bem antes de iniciada a pesquisa, duas questões já se punham aos historiadores como não solucionadas: a data de nascimento de Angelo Agostini e a da chegada no Brasil. Desta, abriu-se um leque de suposições. É Délio dos Santos quem nos diz na introdução do fac-símile do Cabrião:

Dúvidas existem quanto à data da chegada de Angelo Agostini ao Brasil. Afirmam alguns, entre os quais pesquisador especializado, que "em 1858 veio para o Brasil", outros registram "1859" e "por volta de 1860",

³Agustim por Agostini, erro ou cochilo do escrivão oficial da Igreja Candelária.

⁴Mais um cochilo do escrivão. A forma correta Jeune France, está nos outros banhos.

⁵25 anos de idade é, comprovadamente, mais um erro do notário. Na fl. 2b dos banhos, está registrado, por extenso, "vinte e nove annos de idade".

chegando mesmo um deles, sem citar a fonte em que se documentou, a precisar o mês de sua vinda, "maio de 1859, passando três meses no Rio". Há mesmo quem sustente "Em 1861 veio para o Brasil."

Quando nasceu Angelo Agostini

Afirma-se que Agostini nasceu em 1843 na cidade de Vercegli, no Piemonte, aos pés dos Alpes, região ao norte da Itália próxima de Milão. No entanto, pairam dúvidas sobre essa data, faltam documentos que provem e Agostini, por sua vez, jamais mencionou o dia em que nasceu.

Esperávamos, ao ter encontrado os banhos, que Agostini revelasse pelo menos o ano do seu nascimento, mas não revelou. Todavia, em várias ocasiões, Agostini registrou a sua idade em documentos oficiais, assinados por ele. Temos, então, um dado precioso, que possibilita, com breve cálculo, determinar, senão o dia e o mês, pelo menos o ano do seu nascimento que já é um grande achado:

Em 1869, nas Letras de banhos, Agostini, mãos sobre os evangelhos, jurou que tinha 29 anos. Portanto, de 1869 - 29, concluímos que Angelo Agostini teria nascido em 1840.

Em 1869, ainda nos banhos, confirmou que em Paris estava até a idade de dezessete anos em que se passou para esta Corte.

O padrasto de Angelo, Antonio Pedro Marques de Almeida, também testemunha juramentado do casamento de Agostini, afirmou que

conhece o justificante [Angelo Agostini] da Cidade de Paris de onde o foi buscar para esta Corte há dez annos pois elle aí residia como pensionista em um collegio.

Cruzando-se as duas datas, 1859 -17 anos, resulta que Angelo Agostini teria nascido em 1842.

Em 1888, após a libertação dos escravos, Agostini precisava livrar-se o quanto antes das ameaças dos irados e perigosos escravocratas, levando consigo a um exílio forçado em Paris, Abigail e Angelina, sua filha recém-nascida. Solicitou, então, do Imperador D Pedro II a cidadania brasileira, nestes termos:

... artista, com 44 anos de idade, vem requerer a V. M. Imperial, se digne mandar passar carta de cidadão brasileiro.

Esse requerimento atesta que Angelo Agostini teria nascido em 1844.

Em 1891, exilado em Paris, ao registrar seu filho Angelo recém-nascido, declarou ao oficial do 12ème arrondissement ter 45 anos. Agostini, então, teria nascido em 1846.

Conclusão inesperada. Angelo teria nascido em 4 datas diferentes, em 1840, 1842, 1844 e em 1846. Como entender essa discrepância? Por que esse comportamento?

Dois relatos, publicados em 13 de junho de 1943, no Suplemento Literário do jornal A Manhã, quando se comemorava o centenário do nascimento de Agostini. talvez expliquem, em parte. Os relatos, diz o articulista,

são fidedignos, porque foram narrados por uma filha de Angelo Agostini, Madame [Laura] Álvaro Alvim:

Solteiro, Agostini vivia numa república em companhia de amigos. Casou-se com distintíssima senhora de aristocrática família portuguesa, tomou casa e abandonou os amigos. Mal passada uma semana os rapazes viram, surpresos, Agostini regressar, entrar no quarto que ocupava, tirar o paletó e recostar-se na cama com um livro na mão. O mais íntimo se aproximou: - Que é isto, rapaz? Ainda não faz oito dias e já abandonou sua pequena? Que desgraça foi essa? Agostini pareceu acordar dum mau sonho - Hein? Desgraça? o que? Que pequena? ... Só então se lembrou de que estava casado. Tomou às pressas o paletó, pôs o chapéu à cabeça e correu para casa...

Mas, continua o articulista a distração desse homem fantástico, a tal ponto que ele chegava a esquecer do próprio nome. E segue a segunda narração de Laura.

Diante disto, nos perguntamos, seriam confiáveis as afirmações de Agostini?

A caravela Jeune France

Nos banhos, Agostini revela um dado precioso, jamais citado por quantos escreveram sobre sua vida, certamente por ser desconhecido. É de considerável importância para enriquecer os poucos dados colhidos até agora e solucionar as questões pendentes.

Esta declaração de Agostini ao Pe. Ribeiro, escrivão oficial da Diocese da Candelária, feita nos banhos, em 1869, foi repetida, também, pelas testemunhas de seu casamento: Vim para esta Corte na caravela Jeune France.

Esta afirmação é, de fato, confiável, a caravela Jeune France existiu. Finalmente, Agostini nos deu uma pista, um convite sem dúvida para embarcar nessa caravela numa viagem de minuciosa pesquisa até alcançar o dia da chegada e do seu desembarque no Rio.

Jeune France era uma embarcação de carga para o transporte de mercadorias, mas, providencial, possuía acomodações de câmara e de proa para eventuais passageiros (Jornal do Comércio de 9set1870). Lançada ao mar em Bordéus, em 1853, pela Compagnie des Services Maritimes des Messageries Imperiales, de França, a galera serviu le Senegal, le Brésil et La Plata [Uruguai e Argentina] dans la ligne d'Amérique du Sud, entre os anos de 1856 e 1860 (Documento obtido no Service Historique de la Marine, Bordeaux, em 21de maio de 2003).

Verificamos, ainda, no Movimento do Porto do Jornal do Comércio, que a caravela Jeune France lançava âncora no porto do Rio de Janeiro, mais ou menos, uma vez por ano, com intervalos de 10 a 12 meses; demorava-se no porto cerca de 2 meses para descarregar a mercadoria destinada a comerciantes do Rio (vinhos, tecidos, livros etc.) e recarregar novamente com café, algodão e outros produtos diversos.

As buscas na seção Movimento do Porto do Jornal do Comercio foram efetuadas nas edições diárias do jornal, de 1857 a 1861, período da provável data de chegada da Jeune France, onde, em consequência, esperávamos encontrar a data e também o jovem viajante Angelo Agostini. Continuamos então, a anotar, dia a dia, as estadias da Jeune France no Rio, registradas no jornal: Em 8 de setembro de 1857, a caravela Jeune France chegou ao Rio, após longos 48 dias de viagem do último porto, tendo partido de Marselha e passado por Gibraltar. Nesta viagem, não registrou nenhum passageiro.

A Jeune France voltaria ao Rio cerca de 9 meses ou, exatamente, 268 dias depois, em 8 de julho de 1858, despendendo 58 dias de viagem, pelo mesmo trajeto de Marselha por Gibraltar. Infelizmente, Angelo Agostini não se encontrava entre os 9 passageiros franceses mencionados. Depois de 11 meses, 303 dias exatamente, a Jeune France, antes de encerrar suas atividades em 1860, voltou ao Rio em 13 de maio de 1859, numa viagem de 52 dias, a última registrada no Jornal do Comercio, tendo saído de Bordéus, com apenas "um passageiro italiano e 20 artistas franceses, todos artistas", talvez uma troupe de comediantes, cantores ou bailarinos. Apesar de não ter mencionado o nome de Angelo, nos pareceu alvissareiro, poderia muito bem ser que o único italiano, mencionado nessa viagem, fosse o próprio Angelo Agostini. Note-se que, nesta frase, palavra "artista" repetida duas vezes e a vírgula

entre as expressões "artistas franceses," e "todos artistas" dizem exatamente que não somente os 20 franceses eram artistas, mas, também, o "italiano" Agostini, artista também ele.

Pode-se dizer então, com boa probabilidade que Angelo desembarcou no Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1859. Se non è vero è ben trovato, diriam os italianos.

A confirmar esta data temos o depoimento do padrao de Angelo, já mencionado logo acima, que há dez anos o foi buscar da cidade de Pariz para esta Corte. Em 1869-10, Antonio Pedro declara, em outras palavras, que Angelo chegou no Rio de Janeiro em 1859

Tinha razão Werneck Sodé quando, por primeiro, revelou na pág.234 da História da Imprensa no Brasil: O homem que revolucionaria o gênero chegaria ao Brasil em maio de 1859.

Mais tarde, após minuciosa leitura das suas obras e revistas, encontramos Agostini, na pág. 2 da Revista Illustrada, n. 6, de 5 fev 1876, defendendo-se a si mesmo e a dois outros caricaturistas, o italiano Borgomainerio e o português Bordallo Pinheiro, todos os três estrangeiros, acusados de denegrir a imagem do Duque de Caxias, em uma caricatura irreverente, quando afirmou: - Quanto a mim, estando no Brazil desde 1859, j'ai du bon tabac.

Com esta afirmação, caem por terra as dúvidas e questionamentos dos seus biógrafos. Ele mesmo, Angelo Agostini, encerra a questão ao confirmar que chegou ao Brasil em 1859.

Dia tão esperado por Angelo, ansioso por pisar na terra do Novo Mundo, como disse no Cabrião, n° 2, de 7out1866, p.1-11:

A América era para mim ainda mais alguma coisa: o meu sonho de artista, o meu futuro.

Depois de 52 dias de viagem, ao desembarcar, deve ter corrido sôfrego para o abraço saudoso da mãe Raquel e do padrasto, o moço português, Antonio Pedro. Há muito não se viam, desde quando uma das tias o levou para Paris, ele com apenas 9 anos de idade. Uma delas também ali devia estar para recebê-lo, a tia Ersília, com o esposo, o tio Joaquim José Palha.

Somente a título de curiosidade, apresentamos a versão da viagem narrada pelo próprio Agostini travestido de Cabrião, a famosa personagem galhofeira do romance Mistérios de Paris, de Eugène Sue, que também serviu de logotipo e título do jornal de caricaturas Cabrião, publicado por ele em São Paulo, em 1866:

„vacillo na determinação de dar á lume a narração de certo romancete em que tomei parte á bordo do vapor que transportou-nos, a mim ao Pipelett, as santas irmãs e a meia dúzia de capuchos, des de Havre até o Rio de Janeiro.

Restam ainda algumas palavras sobre a data de quando Angelo nasceu, outra questão de debates entre os biógrafos.

Todavia, ela já foi resolvida, logo acima, no testemunho juramentado de

Agostini, que em Pariz estava até a idade de dezessete annos em que se passou para esta Corte, e no depoimento do padrasto, Antonio Pedro que, em 1859, da Cidade de Pariz de onde o foi buscar para esta Corte. De cruzamento destas datas, 1859-17 anos, temos a conclusão: Angelo Agostini nasceu em 1842.

Confirmaria também Alvarus, o saudoso caricaturista Álvaro Cotrim, que, na revista Vamos Ler!, comemorou, sozinho, o centenário de nascimento de Agostini em 1942 e não em 1943, como os demais periódicos.

Ficam, assim, solucionadas as duas charadas que atormentavam os historiadores:

- 1) Angelo Agostini nasceu em 1842, e não em 1843, como é voz corrente.
- 2) Angelo Agostini desembarcou no Rio de Janeiro em 1859.

Permanece, ainda, a confirmar, o dia 8 de abril, quando os colaboradores da Revista Illustrada comemoravam seu aniversário infalivelmente, todos os anos, sempre com a presença do querido e estimado mestre, em festivo encontro, regado de companhia, marcado pela troca de presentes entre os colegas de redação. Isto, no entanto, é de pequena importância. se houver algum engano, credite-se ao esquecimento ou trapalhada de Angelo.

Onde o Angelo nasceu

Todos sabem, todos dizem, ele mesmo declarou que nasceu em Vercelli, cidade próxima de Milão, quando requereu do Imperador Pedro II a cidadania brasileira: Senhor Angelo Agostini, natural de

Vercelli, Piemonte (Reino da Itália) vem requer a V. M. Imperial se digne mandar passar carta de cidadão brasileiro ... Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1888. [Ass.] Angelo Agostini

Entretanto, Angelo se contradiz (ou inventa?) quando, nos banhos, diz ter nascido em Fermo, na região das Marcas (Marchi) banhada pelo Mar Adriático, distante, a quilômetros de Vercelli. no Piemonte. E acrescentou, ainda, que foi batizado na paróquia de São Mateus Apóstolo de Fermo.

Entusiasmado com a novidade da descoberta, entramos imediatamente em contato telefônico com a Arquidiocese de Fermo. Mas impossível a comunicação. Depois de insistir em muitas cartas, recebemos, como ducha de água fria, essa informação desoladora: Em Fermo, não existe paróquia de S. Mateus.

Não desanimamos. Talvez Agostini tivesse se enganado de cidade ou esquecido. Escrevemos, então, a todas as arquidioceses e dioceses da Itália que tivessem uma paróquia São Mateus. Os endereços obtivemos pela internet. As poucas entidades que responderam não encontraram o nome de Angelo Agostini, nos seus registros de batismo.

Talvez, no atestado de óbito da mãe Raquel pudéssemos encontrar a cidade onde ela nasceu, onde estaria também o nome do filho e seria, provavelmente, a mesma de Angelo. Nem isto foi possível, o necrológico publicado na Vida Fluminense e no Jornal do Comércio de 28 de agosto de 1874 diz simplesmente: Após prolongada e dolorosíssima

enfermidade, faleceu na Itália a Exma. Sra. D. Rachel Agostini de Almeida...

Mas não disse o essencial, em que cidade ela faleceu. Até hoje, quase nada encontramos sobre Raquel, a não ser que foi cantora lírica com excelente desempenho nas turnês da Itália, Portugal, talvez da Espanha, como também nos palcos do Rio, onde chegou em 1854, com o marido, o moço português, Antoinio Pedro Marqujes de Almneida, e nos de São Paulo, onde viveu com o marido e o filho Angelo de 1859 a 1867.

A mãe e o pai de Agostini

Aproveitando uma estada em Milão, quando lá estivemos para apresentar, no Sallone Cartoomix de 1998, uma exposição das obras de Ângelo Agostini, poderíamos tentar avançar mais um passo na pesquisa. Fomos ao Teatro Alla Scala. A esperança era de encontrar, na Sala dos Artistas famosos, o retrato de Raquel entre os inúmeros de tantas primas donas do passado. Nada! Mas, para entusiasmar, e bastante, na biblioteca do Teatro, lá estava registrado entre os verbetes do antigo Dicionario della Musica e dei Musicisti, de 1895:

AGOSTINI, Rachele. - cantante (att. 1837-38) e também AGOSTINI, Ersília - cantante (att. 1837-1838).

Se Raquel é mencionada num dicionário, pode-se concluir que a mãe de Angelo era excelente cantora, ainda que não tenhamos encontrado o seu retrato entre as divas do bel canto.

Todavia, a pesquisa não parou aí. La Moda, jornal que fomos encontrar na Biblioteca

Comunale di Milano, confirma que, Raquel foi scritturata como prima donna assoluta no elenco da Compagnia Lírica de Pesaro, cidade da Itália meridional, vizinha ao Mar Adriático, para a temporada do Carnaval de 1838-1839. Estreou na ópera Gemma di Vergy, de Donizetti, no Teatro Nuovo, hoje Teatro Rossini, em homenagem ao compositor e maestro, Gioachino Rossini, daquela cidade. La Moda, o jornal, ainda comenta sua atuação, na edição de 10 de janeiro de 1839, quando Raquel foi aplaudida por sua bela voz, salvando o espetáculo do fraco desempenho do tenor Giampietro Emilio, La prima donna Rachele Agostini, colla bella e agile sua voce si fece applaudire.

Depois desse entusiasmo, uma pequena decepção. Nas temporadas de 1853 e 1854, em Lisboa, 14 anos de carreira, as duas irmãs não alcançaram tanto sucesso, mas arranjaram maridos, bisbilhotou O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa, publicado em 1883, e acrescentou: casaram-se no Brasil. Apesar de não termos encontrado, na Torre d Tombo, o casamento de nenhuma das irmãs, depois de ter vasculhado em todas as freguesias de Lisboa, Raquel e Antonio Pedro casaram-se mesmo em Lisboa, como afirma o próprio Antonio Pedro, no depoimento juramentado do casamento de Angelo em 1969:

... e [Antonio Pedro] isto sabe por que casando-se com a mãe delle [Angelo] e vindo para esta Corte... (banhos fl. 3)

De Ersília, nada foi encontrado nos cartórios do Rio,

no Arquivo da Arquidiocese e no Arquivo Nacional.

Mal Antonio Pedro e Raquel chegaram no Rio, em 1854, Raquel causou grande celeuma na imprensa, por ter sido scritturada no lugar de Stella Candiani (talvez parente da famosa e adorada prima donna de então, Augusta Candiani), afastada da Companhia Lírica italiana. Os seus fãs, inconformados, protestavam nos jornais contra essa medíocre cantora que veio num navio a vela.

Assim mesmo, Raquel estreou com sucesso. Cantou ainda, como prima donna, por duas vezes, diante de SS MM Imperiais, Dom Pedro II e Teresa Cristina. Ersília e Raquel protagonizaram os papéis da ópera Giulietta e Romeo, de Nicola Vaccai.

Seis anos depois, em 1860, Raquel e Antonio Pedro foram para São Paulo, então uma pequena vila de não mais que 20.000 habitantes, mas capital da Província. Aí residiram até 1867, também com Angelo. Raquel apresentou-se diversas vezes no Salão da Concórdia Paulistana. Na verdade, porque São Paulo não dispunha, como a Corte, de um teatro, de uma orquestra, de um coral, nem de cantores.

Agostini, que se uniu a eles em 1962, trabalhou num ateliê de fotografia, contratado como exímio pintor, para colorir retratos. Em 1854 criou, com Luís Gama, o Diabo Coxo, o primeiro jornal ilustrado e de caricaturas de Agostini e também o primeiro de São Paulo, publicado em 1854-1865, foi quando estourou a Guerra contra o Paraguai. Logo depois fundou o Cabrião, publicado em 1866 -1867, interrompido

no número 54 por causa da devassa na redação do jornal a mando do presidente da Província, Tavares Bastos.

Em 1867, escorraçados, voltaram os três para o Rio safando-se das ameaças do presidente da Província e das vítimas das cáusticas caricaturas de Angelo.

Raquel faleceu na Itália em 1874. Ersília Agostini pode ser uma das tias mencionada no banho de fl.1, em companhia da qual o pequeno Angelo saíu de Fermo para Paris a fim de fazer seus estudos e isto com a idade de nove anos, conforme afirmou Agostini no seu juramento banhos, fl. 4)

Caso muito intrigante este das irmãs Raquel e Ersília. Há tempo pede uma solução. Agostini, ao invés, tomou-o mais complicado no seu depoimento juramentado registrado nos banhos:

Num primeiro momento, considerávamos que Raquel e a irmã Ersília tem o mesmo sobrenome Agostini, por ser nome de família, que herdaram ao nascer. Mas, se esse Agostini de Raquel for o assumido do marido Antonio Agostini (falecido), está montado o imbróglio. Como explicar o Agostini de Ersília? ou como fica o Antonio Agostini? Teria existido de fato? Se existiu como explicar o Agostini de Ersília? Será que foi casada com outro Agostini, irmão talvez do Antonio?

Na falta de documentos esclarecedores, pode-se admitir a hipótese, que optaram por uma solução simples, ou simplista, de adotar o Agostini, como nome artístico, porque já consagrado no meio operístico, em que atuavam.

Mal refeitos desses questionamentos, surge Agostini com mais confusão, igualmente

intrigante. Nos banhos, afirma, contra o que era sabido de todos, que sua mãe é Clara. Todas as testemunhas repetiram o que Angelo disse nenhuma citou Raquel nos depoimentos.

Como entender Agostini nessa declaração juramentada? Confirmaria a suposição anterior, de que Raquel seria um nome artístico e Clara, o nome verdadeiro, empregado apenas no trato familiar? Esta interpretação, solução provisória arranjada serve até cair do céu algum documento que esclareça o caso. Mais uma vez, diriam os italianos: Se non è vero, è ben trovato, e nós, perplexos: Durma com um barulho desses.

Na Itália, nem a cidade natal de Angelo foi encontrada, nada sobre a infância desde o nascimento aos 9 anos, nada sobre a mãe Raquel, o pai Antonio, a avó, a tia Ersília e as outras tias.

Em França, somente o que declarou o padrasto, nos banhos, sobre a adolescência de Agostini em Paris: Aí residia como pensionista em um collegio para fazer seus estudos. Depois, amargando o exílio, demorou-se em Paris seis anos, de 1888 até 1894, com Abigail e a filha Angelina, recém-nascida em março daquele ano, forçado pelas ameaças dos irados escravocratas e, certamente, pelo caso amoroso de Angelo com sua aluna Abigail, filha de abastado fazendeiro de Vassouras, também dono de escravos.

A Revista Ilustrada de 13out1888 mostra, com desenhos, os colegas de redação e amigos no cais do porto, acenando para o mestre que partia no navio Portugal dia 12out1888, acobertou, porém, o caso com Abigail, nestes termos: Angelo

Agostini vai passar alguns meses na Europa e promete enviar notícias e mais capítulos do Zé Caipora.

No Movimento do Porto, porém, não foram encontrados os nomes de Agostini, Abigail e Angelina entre os passageiros do navio Portugal, fato estranho que se deu em todas as viagens de Agostini. Pode ser que tenha solicitado que seus nomes não fossem mencionados na seção do jornal ou, improvável, que tenham viajado incógnitos numa 3ª classe, mais econômica.

Somente o Nouveau Monde, Journal pour les Amériques deu uma pequena nota em 17nov1888, registrando a chegada de Agostini, sem mencionar, porém, nem Abigail nem Angelina. Em vão as buscas pelo nome de Angelo Agostini nos Archives Nationales e no Archive de Paris, vasculhando registros de colégios, de outros estabelecimentos de ensino, de academias de arte, de pensionatos e de orfanatos da época. Nenhum documento, que provasse o que dizem alguns que se formou em academias de arte. Da avó, com quem também dizem que viveu, nem sinal.

Um tênue indício de que Agostini teria publicado desenhos em livros ou revistas de Paris, pode estar na menção a dois "imprimeurs" (impressores ou tipógrafos) Marus Chapele e Arnaud Mourmes, que, em lugar de Agostini, prestaram declaração para o atestado de óbito de Abigail de Andrade no Etat Civil do 12º Arrondissement de Paris. No entanto, as pacientes buscas por trabalhos de Agostini em todos os periódicos ilustrados do séc.19

publicados em França, na Bibliothèque Nationale François Miterrand, na de l'Opera na de l'Arsenal, foram em vão, absolutamente nada foi encontrado, nenhuma caricatura, uma vinheta sequer que elucidasse como Agostini se manteve, a si e aos seus, durante os seis longos e penosos anos de exílio em Paris.

Baldadas também as pesquisas realizadas no Musée de la Marine de Paris e nas cidades portuárias de Havre, Marselha e Bordéus, a fim de saber quando foram realizadas as viagens de Angelo Agostini na caravela Jeune France em 1859 e no navio Portugal em 1888. Os Archives Départementales de la Gironde, em Toulon, em Bordéus, e a Association Frenches Lines, de Havre carecem destas informações, como declararam por carta de 21mai2003:

Le Service Historique de la Marine à Toulon ne conserve pas les documents que vous recherchez.

Já no Brasil, depois de algumas cartas, o chefe do Service Historique de la Marine, muito gentilmente, enviou-nos um pequeno histórico das duas embarcações e duas fotos do navio Portugal.

Malograda, de início, a pesquisa detetivesca por encontrar o atestado de óbito de Raquel, que traria o lugar e a data do seu nascimento e, provavelmente, indicar a cidade em que Angelo nasceu, somente porque a Vida Fluminense e o Jornal do Comércio de 29ago1874, na não indicou, no necrológico, a cidade da Itália em que Raquel faleceu.

Abigail de Andrade, aluna de pintura de Angelo Agostini, despertou nele tão intensa paixão que, depois de separar-se da esposa Maria José (amigavelmente, ressalvou Da. Mariana Alvim, neta de Agostini,), levou Abigail consigo para Paris, em 13out1888, juntamente com a filha Angelina, recém-nascida dessa união, em março de 1888. Estabeleceram-se na Rua Lacuée, 9bis, na Bastilha.

Abigail participou, com outra pintora brasileira da grande Exposition Universelle de Paris, em 1889, quando também foi inaugurada a Torre Eiffel, expondo, seus quadros no Pavillon Brésilien. Em 18 de abril de 1890, nasceu-lhe o filho Angelo Agostini. Mas pouco mais de um ano da chegada, Abigail, adoeceu por causa, certamente, do frio intenso do inverno e veio a falecer em 11 de janeiro de 1891. Três meses depois, em 10 de maio de 1890, faleceu também Angelo Agostini, o filho recém-nascido. Imagine-se o abalo emocional de Angelo, sozinho com Angelina de pouco mais de ano e meio. Ele ainda permaneceu em Paris por mais 4 anos, até 1894, quando, segundo depoimento de Da. Mariana, a neta, Laura e seu filho Eduardo, foram buscá-lo de volta ao Rio, juntamente com Angelina e a babá alemã.

Embalde procuramos pelas sepulturas de Abigail e de Angelo no cemitério Père Lachaise (por estar na Bastilha, próximo da residência onde moraram), no de Montmartre, no Saint Vincent (em Montmartre) e por fim, no Service Central des Cimetières, onde recebemos a triste informação:- Os restos mortais das sepulturas abandonadas por muito tempo são lançados na vala comum.

Compensações

Em que pesem as frustrações, os achados foram gratificantes, dois deles, sobretudo:

1. O Diabo Coxo, coleção original do jornalzinho ilustrado e de caricaturas, o primeiro de Agostini e também de São Paulo, 24 números apenas, publicado em duas séries, a de 1864 e a de 1865, medindo apenas 28 x 18 cm, com exemplares de 8 páginas, 4 de texto, a cargo de Luís Gama e colaboradores, e 4 de ilustrações e caricaturas exclusivas de Agostini. Nele Agostini retratou o início do desenvolvimento de São Paulo de então, com nada mais que 20.000 almas, a modernização do transporte com a construção da ferrovia até Santos; sobretudo, retratou a mudança sociais advindas com o progresso, marcadas violentamente com a luta dos velhos paulistas contra os defensores entusiasmados das modernidades; ridicularizou a guerra do Paraguai e o Exército Nacional, vergastou o presidente da Província que recrutava os voluntários da pátria a laço e pauladas.

Hoje, o Diabo Coxo original se encontra na Biblioteca Mario de Andrade, em São Paulo. Depois de dois anos transpondo os obstáculos burocráticos e convencendo a secretaria Municipal de Cultura da importância histórica do jornal e da raridade da coleção, o Diabo Coxo foi adquirido por US\$10.000 dólares, nem um cent a menos, condição sine qua non imposta pelo colecionador. Em 2005 foi publicada a edição fac-similar com patrocínio do CIEE, o Centro de

Integração Empresa e Escola, e empenho da Profa. Dra. Ana Maria Camargo.

A informação, negada pela atendente do Cemitério S. João Batista, para localizar o jazigo, onde foi sepultado Angelo Agostini, que faleceu repentinamente em 23 de janeiro de 1910. foi, surpreendentemente encontrada num jornal. O número do jazigo 4005 está no necrológico da Gazeta de Notícias de 25 de janeiro de 2010, com um relato minucioso dos funerais, com o nome dos familiares, amigos e personalidades que estiveram no velório na residência do Dr. Álvaro Alvim, esposo de Laura, filha de Agostini; trechos dos cartões de condolências que vinham com as coroas; o nome das pessoas que transportaram o féretro desde a residência ao carro fúnebre e deste até ao jazigo do Cemitério São João Batista

2 São Paulo guarda três pinturas realizadas por Agostini. Duas delas, em 1866, a pedido dos alunos de direito, que terminavam o curso na antiga Academia de São Paulo estão na atual Faculdade de Direito no Largo São Francisco: uma, o retrato a óleo do Conselheiro José Bonifácio, o Moço, encontra-se na sala nobre e mede 180 x 100 cm; a outra, o retrato a óleo do Conselheiro Saraiva, em medalhão de uns 80 cm de diâmetro, no hall do 2º andar. A terceira, um retrato a óleo do avô de Da. Maria da Penha Spínola, que, muito ciosa, o guarda com carinho por ter sido um trabalho feito e assinado por Agostini a pedido do seu pai, seu grande amigo.

Concluindo

Os dados obtidos na pesquisa, apresentados aqui, com alguns comentários, são, em síntese, os respigados até o momento, aqui e ali, nas diversas cidades e lugares por onde andamos, e nos contatos com as diversas pessoas que nos forneceram preciosas informações, às quais devemos, sinceramente reconhecidos, nossos agradecimentos.

Os parcos achados, que é tudo o que alcançamos, estão muito aquém de ser suficiente para simplesmente esboçar uma biografia de Angelo Agostini, que acreditávamos possível. Em que pesem os obstáculos, carecem, ainda, alguns deles, de soluções aos questionamentos que levantam. Falta-nos o essencial, os dados que traçam o perfil de Agostini, sua personalidade, seu modo de ser, seus anseios e paixões.

Penso, ainda, que só o acaso nos dará outros documentos. Assim restam-nos apenas as obras de Agostini, para serem escavadas em profundidade até aonde revelem, além do que ele diz nas páginas das suas revistas, nos desenhos, nos artigos e nas legendas das caricaturas e quadrinhos, o secreto de seu pensamento, guardado até à tumba.

Pelo que se pode vislumbrar nas entrelinhas dos banhos e na carência dos dados, temos a sensação de que Agostini, ele próprio, intencionalmente, se "apagou", não deixou rastros, guardou em segredo o que realmente pensava, sentia e sofria.

A nós, cabe-nos deixar não mais que estas poucas anotações e, com elas, os (in)solúveis questionamentos, não porque o

ímpeto inicial de procurar um Agostini por inteiro tenha esmorecido, ao contrário, para que sirvam para concitar outros, muitos outros a arregaçar as mangas e encetar uma campanha, verdadeira cruzada, no afã de conhecer e divulgar amplamente quem foi Angelo Agostini, de revelar sua obra, impressionantemente bela, de recuperar sua imagem, lamentavelmente esquecida, de render-lhe a homenagem, injustamente negada. 🗨️